

FOLIA DE REIS: DA CULTURA POPULAR À CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA COMO PRÁTICA SOCIAL EM COMUNIDADE TRADICIONAL¹

Folia de Reis: from popular culture to identity construction as a social practice in a traditional community

Folia de Reis: de la cultura popular a la construcción de la identidad como práctica social en una comunidad tradicional

DOI: 10.23900/artefactum.v25i3.2976

Submitted on: 5.20. 2026

Accepted on: 6.11. 2026

Published on: 6.18.2026

Sérgio Nunes de Jesus²

Reginaldo Conceição da Silva³

Shyrley de Almeida Alves⁴

1O presente texto é parte integrante do Macro Projeto de Ensino, Pesquisa, Extensão – NEABI-IFRO, *campus* Cacoal que tem como tema central norteador a *Cultura Popular, Memória e Construção Identitária em Comunidades Tradicionais da Amazônia Rondoniense* (com as parcerias: 1. Língua[gem], Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na Amazônia [PDA/DGP-CNPq-IFRO]; 2. Laboratório Nova Cartografia Social: Processos de Territorialização, Identidades Coletivas e Movimentos Sociais [DGP-CNPq-UEA]).

2Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/9648583745536616> ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8255-751X>
Professor Titular no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *campus* Cacoal-RO. Acadêmico do Curso de Direito, do Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU), *campus* Cacoal-RO. Licenciado em Letras Português/Inglês/Literaturas (UNEB/FFCLC). Licenciado em História (UNICV). Especialista em Língua Portuguesa: Redação e Oratória (CUBM). Especialista em História da Cultura Indígena e Afro-brasileira (FAMART). Especialista em Antropologia Brasileira (FAMART). Especialista em Direito Internacional (FACEO). Mestre em Linguística (UNIR). Mestre em Science in Legal Studies, Emphasis in International Law (MUST). Doutor em Ciências da Educação (UTIC). Doutor em Estudos da Linguagem (UNICAP). Fez estágio pós-doutoral em Ciências da Educação (UFLO). Fez estágio pós-doutoral em Cartografia Social (UEMA). Professor permanente no PPGL-UNIR; PPGAgro-UNIR; ProfLETRAS-IFRO. Colaborador no ProfEPT-IFRO; PPGECON-UNIR; PPGL-UNEMAT. Pesquisador associado ao Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, PNCSA-UEA (Centro de Ciências e Saberes dos Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro - *Carmelita Nunes da Conceição 'CARMÉ'*). Atualmente coordena o *Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas* (NEABI-IFRO, *campus* Cacoal). Lidera o grupo de pesquisa Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na Amazônia (DGP-CNPq-IFRO). Pesquisador na Web of Science Researcher iD: PQA-4188-2026. Escritor, músico e poeta. Contato: grupo.pda.ifro@gmail.com

3Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/8537046678523286> ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7158-8185>
Docente da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atua como professor permanente na Pós-Graduação (Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH-UEA) e no Mestrado Profissional em Processos e Tecnologias Educacionais em Rede Nacional (ProfEDUCATEC-UEA). Pesquisador do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA). Licenciado em Geografia (UNEB). Mestre em Cartografia Social e Ciências Políticas da Amazônia (UEMA). Doutor em Geografia (UNIR). Professor de Geografia (UEA, *campus* Tabatinga-AM). É pesquisador nos Grupos de Pesquisa Laboratório Nova Cartografia Social: Processos de Territorialização, Identidades Coletivas e Movimentos Sociais (UEA); Núcleo de Estudos Socioambientais da Amazônia (UEA); Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na Amazônia (PDA, IFRO). Contato: resilva@uea.edu.br

4Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/2077300677497872> ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8942-3234>
Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual

Ingrid Letícia Menezes Barbosa⁵

Edmilson Maria de Brito⁶

Elizângela Ataíde de Souza⁷

RESUMO

Nesse contexto, a Folia de Reis pode ser compreendida como uma prática social que ultrapassa os limites da celebração religiosa, constituindo-se em importante mecanismo de construção e fortalecimento identitário nas comunidades tradicionais. Por meio da transmissão intergeracional de saberes, valores, cantos, símbolos e rituais, os participantes preservam referências culturais que contribuem para o reconhecimento de pertencimentos coletivos e para a continuidade de memórias compartilhadas. A vivência da festividade promove a integração entre diferentes sujeitos da comunidade, fortalecendo vínculos sociais e reafirmando modos de vida construídos historicamente em torno da solidariedade, da cooperação e do respeito às tradições. A dimensão comunitária da *Folia de Reis*

Paulista/UNESP, *campus* de Marília/SP, sob a orientação da professora Doutora Tânia Suely Antonelly Marcelino Brabo, no Doutorado Interinstitucional em Educação PPGE/2023, na linha Políticas Educacionais, Gestão de Sistemas e Organizações, Trabalho e Movimentos Sociais. Mestra em Psicologia (UNIR). Especialista em Administração e Gerenciamento Escolar (UNIR). Graduada em História (UNIR). Servidora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), com lotação na Reitoria-PVh (Técnica em Assuntos Educacionais). Faz parte do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Históricos e Literários (DGP-CNPq-IFRO, na linha Educação Inclusiva, Diversidades e Direitos Humanos). Faz parte do grupo de pesquisa Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na Amazônia (PDA), na linha Saberes e Práticas Discursivas Amazônicas de Povos Tradicionais. Contato: shyrley.alves@ifro.edu.br

5Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/9082088538564147> ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2442-4954>
Licenciada em Letras/Português e Literaturas (União das Escolas Superiores de Cacoal, UNESC, *campus* Cacoal-RO). Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino do Português (Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal, FACIMED, *campus* Cacoal-RO). Mestrado em Ciências da Linguagem (Fundação Universidade Federal de Rondônia, UNIR). Doutora em Linguística (UNEMAT). Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO, *campus* Cacoal. Membro do grupo de Pesquisa: Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na Amazônia/IFRO-CNPq. Desenvolve pesquisas nas áreas de Estudos da Língua e Linguagem, Linguística Aplicada e Formação Continuada de Professores. Co-autora do Projeto de Ensino, Pesquisa, Extensão: Simpósio PDA-IFRO, *campus* Cacoal. Contato: ingrid.leticia@ifro.edu.br

6Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/3635344091127514> ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4307-0650>
Bacharel em Administração de Empresas (FAP). MBA em Planejamento Financeiro para Cooperativas de Crédito (FGV). Mestre em Administração (FEAD). Doutor em Ambiente e Desenvolvimento (UNIVATES). Professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO, *campus* Cacoal. Membro do grupo de pesquisa: Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na Amazônia (DGP-CNPq-IFRO). Membro do grupo de pesquisa: Ecosofias, Paisagens Inventivas (DGP-CNPq-UNIVATES). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI-IFRO, *campus* Cacoal). Contato: edmilson.brito@ifro.edu.br

7Lattes iD: <https://lattes.cnpq.br/0798966113973182> ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5488-7108>
Professora estatutária no Governo do Estado de Rondônia - SEDUC. Licenciada em Letras/Português (Fundação Universidade Federal de Rondônia, UNIR, *campus* Porto Velho). Especialista em Mídias na Educação (UNIR). Contribuiu em obras como organizadora, revisora, autora e coautora em capítulos na Coleção Ciência Aberta (Almanaque de Formação Continuada do Professor desde 2020). Também é coautora em artigos com os professores doutores Celso Ferrarezi Junior (UNIFAL-MG, *campus* Alfenas) e Sérgio Nunes de Jesus (IFRO, *campus* Cacoal desde 2020). Destaca-se pela dedicação à Educação Básica, por quase vinte e cinco anos. Desenvolve pesquisas nas áreas de Estudos da Linguagem; Educação; Ensino e Cultura, Literatura. Contato: elizaataide5.0@gmail.com

evidencia a cultura popular como espaço de produção de significados e de afirmação das identidades locais. Nesse processo, a participação ativa dos foliões, das famílias anfitriãs e dos demais membros da comunidade possibilita a manutenção de práticas culturais que se renovam sem romper com seus fundamentos simbólicos. Assim, a tradição não se apresenta como elemento estático, mas como experiência dinâmica que dialoga com as transformações sociais e com os desafios contemporâneos. Desse modo, a Folia de Reis reafirma seu papel como patrimônio cultural imaterial e como expressão coletiva capaz de articular fé, memória, pertencimento e identidade. Sua permanência ao longo do tempo demonstra a relevância das manifestações populares na valorização das comunidades tradicionais, contribuindo para a preservação de seus saberes, para o fortalecimento das relações sociais e a construção contínua de identidades culturais plurais.

Palavras-chave: folia de reis, cultura popular, identidade, resistência, adaptabilidade.

ABSTRACT

In this context, Folia de Reis can be understood as a social practice that goes beyond the boundaries of religious celebration, constituting an important mechanism for identity construction and strengthening within traditional communities. Through the intergenerational transmission of knowledge, values, songs, symbols, and rituals, participants preserve cultural references that contribute to the recognition of collective belonging and the continuity of shared memories. The experience of the festivity promotes integration among different members of the community, strengthening social bonds and reaffirming ways of life historically built around solidarity, cooperation, and respect for traditions. The communal dimension of Folia de Reis highlights popular culture as a space for the production of meanings and the affirmation of local identities. In this process, the active participation of revelers, host families, and other community members enables the maintenance of cultural practices that are renewed without breaking with their symbolic foundations. Thus, tradition is not presented as a static element, but as a dynamic experience that dialogues with social transformations and contemporary challenges. In this way, Folia de Reis reaffirms its role as intangible cultural heritage and as a collective expression capable of articulating faith, memory, belonging, and identity. Its permanence over time demonstrates the relevance of popular manifestations in valuing traditional communities, contributing to the preservation of their knowledge, the strengthening of social relationships, and the continuous construction of plural cultural identities.

Keywords: folia de reis, popular culture, identity, resistance, adaptability.

RESUMEN

En este contexto, la Folia de Reis puede comprenderse como una práctica social que trasciende los límites de la celebración religiosa, constituyéndose en un importante mecanismo de construcción y fortalecimiento identitario en las comunidades tradicionales. Mediante la transmisión intergeneracional de saberes, valores, cantos, símbolos y rituales, los participantes preservan referencias culturales que contribuyen al reconocimiento de pertenencias colectivas y a la continuidad de memorias compartidas. La vivencia de la festividad promueve la integración entre los diferentes sujetos de la comunidad, fortaleciendo los vínculos sociales y reafirmando modos de vida contruidos históricamente en torno a la solidaridad, la cooperación y el respeto por las tradiciones. La dimensión

comunitaria de la Folia de Reis evidencia la cultura popular como un espacio de producción de significados y de afirmación de las identidades locales. En este proceso, la participación activa de los integrantes de la festividad, de las familias anfitrionas y de los demás miembros de la comunidad posibilita el mantenimiento de prácticas culturales que se renuevan sin romper con sus fundamentos simbólicos. Así, la tradición no se presenta como un elemento estático, sino como una experiencia dinámica que dialoga con las transformaciones sociales y los desafíos contemporáneos. De este modo, la Folia de Reis reafirma su papel como patrimonio cultural inmaterial y como expresión colectiva capaz de articular fe, memoria, pertenencia e identidad. Su permanencia a lo largo del tiempo demuestra la relevancia de las manifestaciones populares en la valorización de las comunidades tradicionales, contribuyendo a la preservación de sus saberes, al fortalecimiento de las relaciones sociales y a la construcción continua de identidades culturales plurales.

Palabras clave: folia de reis, cultura popular, identidad, resistencia, adaptabilidad.

1 INTRODUÇÃO

A Folia de Reis constitui uma das mais expressivas manifestações da cultura popular brasileira, articulando religiosidade, memória coletiva e construção identitária. Celebrada no ciclo natalino, especialmente entre o Natal e o dia 6 de janeiro, a festa rememora a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus, mas ultrapassa a narrativa bíblica ao assumir, no Brasil, contornos próprios. Mais do que um rito devocional, a Folia se configura como prática social que mobiliza comunidades, reafirma pertencimentos e atualiza tradições transmitidas majoritariamente pela oralidade e pela experiência vivida.

Enquanto fenômeno cultural, a Folia de Reis pode ser compreendida como espaço de síntese histórica. Ao chegar ao território brasileiro por meio da tradição ibérica, foi reinterpretada pelas matrizes indígenas e africanas, adquirindo novas sonoridades, ritmos, gestos e significados. Essa capacidade de reelaboração revela o dinamismo da cultura popular, que não se limita à repetição do passado, mas reinventa heranças simbólicas conforme as condições sociais e históricas de cada contexto.

A compreensão desse processo encontra respaldo nas formulações de Luís da Câmara Cascudo (1954), que reconhece no ciclo natalino um dos períodos mais ricos da religiosidade popular brasileira, e de Gilberto Freyre (1933), cuja interpretação da formação social do Brasil destaca o caráter híbrido e relacional da cultura nacional. Tais perspectivas

permitem situar a Folia não como resquício folclórico estático, mas como expressão viva de uma sociedade marcada pela confluência de matrizes culturais diversas.

Nessa mesma direção, Darcy Ribeiro enfatiza que o povo brasileiro resulta de um processo de “transfiguração étnica”, no qual elementos europeus, africanos e indígenas foram amalgamados em sínteses originais. A Folia de Reis exemplifica essa dinâmica ao transformar o catolicismo europeu em experiência sensível e comunitária, na qual música, caminhada ritual e troca de bênçãos constroem uma pedagogia simbólica do pertencimento.

A dimensão identitária da Folia manifesta-se de modo particular na ocupação ritual do espaço público. Ao percorrer ruas, estradas e residências, os foliões produzem uma territorialidade simbólica que ressignifica o cotidiano. A rua deixa de ser mero espaço de circulação para tornar-se cenário do sagrado itinerante. Essa prática reafirma vínculos comunitários e estabelece uma geografia da fé, na qual cada parada da bandeira representa um gesto de reconhecimento mútuo entre grupo e comunidade.

O reconhecimento da relevância dessas práticas é reiterado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que aponta a necessidade de salvaguarda das expressões culturais de base comunitária como patrimônios imateriais. A Folia, ao articular devoção, solidariedade e reciprocidade, especialmente no costume de visitar casas, oferecer cânticos e receber donativos, sustenta redes sociais que escapam à lógica estritamente mercantil da modernidade contemporânea.

Outro elemento central é o papel do Mestre, guardião do saber oral e da autoridade ritual. Ele coordena os cânticos, orienta o grupo e assegura a continuidade dos preceitos tradicionais. Esse conhecimento, transmitido de geração em geração fora das instituições formais, demonstra que a cultura popular opera por meio de pedagogias próprias, fundamentadas na prática, na memória e na convivência.

No plano estético, a Folia de Reis evidencia notável riqueza simbólica. As bandeiras bordadas, as fardas coloridas, os instrumentos e as encenações compõem uma visualidade que afirma identidades coletivas e resiste à homogeneização cultural. Cada grupo expressa singularidades, reafirmando que a cultura popular é plural e criativa, mesmo diante de limitações materiais.

Diante dessas dimensões histórica, religiosa, territorial, estética e social, este artigo propõe analisar a Folia de Reis como prática constitutiva da cultura popular brasileira e

como mecanismo de construção identitária. Por meio de revisão bibliográfica e reflexão teórica articulada à observação empírica, busca-se compreender como essa tradição permanece significativa no contexto contemporâneo, revelando-se não apenas como memória do passado, mas como experiência viva que continuamente reinterpreta o Brasil.

2 DA TRADIÇÃO IBÉRICA À SÍNTESE BRASILEIRA: FORMAÇÃO HISTÓRICA DA FOLIA DE REIS

A formação histórica da Folia de Reis remonta às tradições ibéricas difundidas a partir do século XVI, com a colonização portuguesa e a ação missionária no Brasil. A narrativa bíblica da visita dos Reis Magos, celebrada na Europa no dia 6 de janeiro, foi transplantada para o território colonial e, gradualmente, incorporada às práticas religiosas locais. Contudo, esse processo não se deu por simples reprodução litúrgica. Em solo brasileiro, marcado desde o período colonial pela convivência forçada entre indígenas, africanos e europeus, a celebração sofreu um movimento de adaptação e ressignificação.

Como analisa Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala* (1933), a sociedade colonial constituiu-se como espaço de intensas trocas culturais, no qual o catolicismo europeu perdeu parte de sua rigidez institucional e assumiu formas mais flexíveis e sincréticas. É nesse ambiente de interpenetração cultural que a Folia de Reis começa a adquirir feições propriamente brasileiras.

Ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, acompanhando a interiorização da colonização e a expansão das frentes agrícolas, a festa deslocou-se do litoral para o interior, absorvendo elementos regionais e consolidando seu caráter itinerante. A antiga procissão vinculada ao calendário litúrgico europeu transformou-se em jornada ritual que percorre casas, sítios e povoados, instaurando uma territorialidade móvel na qual o sagrado vai ao encontro do fiel.

Essa dinâmica revela não apenas adaptação religiosa, mas também estratégia de sociabilidade comunitária. A incorporação de instrumentos como a viola caipira, a zabumba e o pandeiro resultantes do encontro entre matrizes ibéricas, africanas e indígenas evidencia a fusão rítmica que estruturou a identidade sonora da celebração. Assim, a evolução histórica da Folia demonstra que ela não permaneceu como resíduo folclórico

estático, mas se reconfigurou continuamente diante das transformações sociais do Brasil imperial e republicano.

Essa capacidade de síntese cultural encontra respaldo na interpretação de Darcy Ribeiro - em *O Povo Brasileiro* (1995). O autor afirma que, apesar das condições históricas de opressão, negros, indígenas e brancos pobres criaram, por meio das festas e da religiosidade, espaços de liberdade simbólica, nos quais puderam elaborar uma cultura nova - não mera extensão da Europa ou da África, mas uma síntese original.

A Folia de Reis manifesta de forma exemplar esse processo histórico, sobretudo nos folguedos de janeiro, quando a ocupação das ruas e das casas transforma o cotidiano em território de afirmação identitária. Compreender sua trajetória desde o período colonial até a contemporaneidade implica reconhecer que sua permanência decorre justamente dessa capacidade de reinvenção histórica, pela qual tradição e criatividade popular se articulam na construção contínua da identidade cultural brasileira.

Imagem 1: Detalhe da Bandeira (Estandarte) de Santos Reis.



Fonte: Associação Comunitária Monte Azul.
Disponível em: <<https://monteazul.org/pt-br/portfolio/folia-de-reis/>>
Acesso em: 13 mar. 2026.

A centralidade da bandeira na Folia de Reis constitui elemento estruturante do rito e fundamento simbólico de sua legitimidade perante a comunidade. Não se trata apenas de um estandarte devocional, mas de um objeto ritual investido de autoridade sagrada, responsável por mediar a relação entre o grupo de foliões e os lares visitados. Cada fita

presa à bandeira, geralmente associada a promessas, agradecimentos ou pedidos de proteção, converte o tecido bordado em um verdadeiro arquivo vivo da memória coletiva.

Nesse sentido, a *Bandeira* ultrapassa sua origem nas tradições ibéricas e adquire, no Brasil, densidade própria: transforma-se em signo de pertencimento comunitário e em suporte material das experiências de fé de diferentes gerações. O símbolo trazido pela colonização é, assim, ressignificado pela prática popular, tornando-se expressão concreta da síntese cultural brasileira.

Essa ressignificação pode ser compreendida à luz das reflexões de Darcy Ribeiro (1995), para quem as festas populares constituíram espaços de elaboração simbólica e liberdade criativa diante das estruturas de dominação. A apropriação da bandeira originalmente vinculada ao catolicismo europeu, pois ilustra esse movimento histórico: o que foi instrumento de catequese converteu-se em emblema de identidade coletiva. Ao longo do tempo, a celebração incorporou ritmos, gestualidades e expressões cênicas que dialogam com matrizes africanas e indígenas, ampliando sua dimensão estética e ritual.

Mesmo diante das tentativas de controle e 'purificação' promovidas por setores da Igreja em determinados períodos, sobretudo entre os séculos XIX e XX, a tradição preservou seu caráter híbrido, no qual devoção, teatralidade e ludicidade coexistem. Essa permanência evidencia que a cultura popular dispõe de mecanismos próprios de continuidade, sustentados pela transmissão oral e pela vivência comunitária.

A trajetória histórica da Folia de Reis confirma, portanto, que sua evolução não significou descaracterização, mas fortalecimento identitário. Se as *Janeiras portuguesas* ofereceram a base litúrgica inicial, foi no Brasil que o Reisado adquiriu contornos mais dramáticos e participativos, incorporando personagens, sonoridades e performances inexistentes na matriz europeia. Ao longo do século XX, com os intensos fluxos migratórios do campo para a cidade, a festa adaptou-se aos novos espaços urbanos sem romper com sua essência ritual. Mesmo com a introdução de tecnologias sonoras e registros audiovisuais, o núcleo simbólico permanece ancorado na caminhada, no canto responsorial e na centralidade da bandeira. Assim, a Folia de Reis configura-se como documento vivo da história social brasileira, demonstrando que a cultura nacional não é mera reprodução de modelos externos, mas resultado de contínua reinvenção simbólica e afirmação espiritual coletiva.

Dessa maneira, para Santos (2005) em sua análise sobre a permanência deste fenômeno cultural ao longo das décadas no território:

A Festa dos Reis resiste como um dos pilares da cultura popular porque ela não é apenas um evento datado, mas um processo contínuo de reafirmação de valores que a modernidade muitas vezes ignora, como o sentido de comunidade, a partilha do alimento e a sacralidade da música que une o céu e a terra em um único coro de vozes (Santos, 2005, p. 350).

A permanência histórica da Folia de Reis pode ser compreendida, conforme observa Santos (2005), não como simples repetição anual de um evento litúrgico, mas como processo contínuo de reafirmação de valores comunitários. Ao destacar que a festa resiste porque sustenta princípios que a modernidade frequentemente marginaliza como a partilha do alimento, a convivência solidária e a sacralidade da música: o autor evidencia sua função estruturante no tecido social. A celebração não se limita à rememoração bíblica: ela reorganiza, a cada ciclo, redes de pertencimento e reciprocidade. Nesse sentido, a Folia atua como mecanismo de coesão social, no qual o canto coletivo simboliza a integração entre o sagrado e o cotidiano, reafirmando sentidos de identidade que ultrapassam o calendário religioso.

A evolução histórica da festa revela ainda uma dimensão de resistência simbólica. Em diferentes períodos marcados por repressões culturais ou profundas transformações econômicas — especialmente entre o final do século XIX e ao longo do século XX, os grupos de foliões encontraram no rito um espaço de preservação de práticas marginalizadas. A incorporação de ritmos, gestualidades e expressões de matriz africana e indígena, muitas vezes abrigadas sob a narrativa hagiográfica católica, funcionou como estratégia de continuidade cultural. À luz das interpretações de Darcy Ribeiro (1995), pode-se compreender a Folia como expressão dessa síntese criativa que permitiu às camadas populares construir, por meio da religiosidade, espaços de liberdade simbólica. Assim, a festa consolidou-se não apenas como manifestação devocional, mas como instrumento de sobrevivência étnica e afirmação identitária em uma sociedade marcada por desigualdades estruturais.

As variações regionais reforçam esse dinamismo histórico. No Nordeste, a celebração incorporou maior teatralidade, com loas (louvores que reforçam a dimensão artística e comunitária da festa) extensas, entremeios dramáticos e forte presença cênica,

aproximando-se do teatro popular e valorizando a narrativa performática. Em Minas Gerais e em áreas do Sudeste, por sua vez, a ênfase recaiu sobre a complexidade das polifonias vocais e a sofisticação do toque da viola, conferindo à festa tonalidade mais contemplativa e musicalmente elaborada. Essas diferenciações demonstram que a matriz portuguesa das Janeiras foi apenas ponto de partida para múltiplas reelaborações locais. Cada contexto geográfico e social produziu sua própria expressão da Folia, configurando um mosaico de “brasileiridades” que compartilham estrutura simbólica comum, mas se distinguem na forma e na estética.

Ao longo do século XX, novas transformações afetaram a organização e a difusão da festa. A migração rural-urbana alterou trajetos e públicos, enquanto a formalização de associações culturais e a busca por editais de financiamento substituíram parcialmente o antigo sistema baseado exclusivamente em doações comunitárias. Paralelamente, o rádio e, posteriormente, a televisão ampliaram o intercâmbio entre grupos, promovendo circulação de repertórios e padronização de certos elementos, sem eliminar a criatividade local. Esse percurso evidencia o paradoxo constitutivo da Folia de Reis: mantém sua estrutura ritual essencial, mas renova continuamente suas formas de expressão. Tal capacidade de ser simultaneamente tradição e reinvenção é o que a consagra como patrimônio vivo e testemunho da resiliência cultural do povo brasileiro.

Em síntese, a Folia de Reis representa uma manifestação cultural que articula religiosidade, arte popular e identidade coletiva. Originada na *tradição ibérica*, foi reelaborada no Brasil, tornando-se expressão da diversidade e da continuidade das práticas simbólicas nacionais. pode-se sintetizar este tema no seguinte organograma sobre o avanço da Folia de Reis desde a Ibéria até Rondônia.

Imagem 2: A tradição da folia de reis.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir da ferramenta *Copilot Image*.

Disponível: <<https://copilot.microsoft.com/th/id/BCO.72fb87e0-e4bd-4012-89f5-2ff1cbf4168d.png>>

Acesso em: 29 jun. 2026.

A transposição da tradição ibérica para o contexto brasileiro resultou em uma síntese cultural que incorporou elementos indígenas e africanos, evidenciando o caráter plural da cultura. Essa adaptação demonstra o dinamismo das tradições, que se moldam às realidades locais sem perder sua função social e espiritual. No *Norte do Brasil*, e especialmente em *Rondônia*, a Folia de Reis assume papel de integração comunitária e preservação da memória coletiva, com destaque para o *Vale do Guaporé*, onde a prática se mantém como símbolo de resistência cultural. Como afirma Clifford Geertz (2008, p. 13), [...] “a cultura é o tecido de significados em que os homens tecem suas vidas” [...], e a Folia de Reis exemplifica esse entrelaçamento entre fé, identidade e convivência, pois transcende o caráter festivo, configurando-se como um lugar de memória, conforme Nora (1993, p. 7). Sua permanência em Rondônia, especialmente no Vale do Guaporé, reafirma a vitalidade das tradições populares e sua capacidade de articular passado e presente, preservando a essência da cultura brasileira.

O organograma mostra que esta festa tradicional é mais do que uma festa: é uma narrativa histórica que atravessa oceanos e séculos, adaptando-se às realidades locais sem perder seu sentido de fé e comunidade. Sua permanência no Norte e em Rondônia confirma que, mesmo em tempos de modernidade, há espaço para o sagrado e o coletivo - para aquilo que une, celebra e dá sentido à vida cotidiana.

3 ARQUITETURA SIMBÓLICA DA FOLIA DE REIS: RITO, PERFORMANCE E TERRITORIALIDADE

A Folia de Reis estrutura-se como um sistema ritual complexo no qual música, gesto e deslocamento territorial articulam-se de maneira indissociável. A toada entoada ao som da viola, da caixa e do pandeiro não constitui mero acompanhamento festivo, mas eixo organizador da experiência coletiva. Os versos, muitas vezes improvisados, saúdam os moradores, narram passagens bíblicas e atualizam pedidos e agradecimentos, transformando cada visita em ato performático singular. A dança, frequentemente realizada em formação circular ou em deslocamento contínuo, simboliza a caminhada dos Magos e materializa o caráter itinerante do rito. Essa combinação entre canto responsorial, movimento corporal e percurso espacial configura uma prática que é simultaneamente celebração religiosa e construção de pertencimento comunitário.

No centro dessa arquitetura simbólica encontra-se a Bandeira, objeto ritual investido de sacralidade e legitimidade social. Confeccionada em tecido nobre e adornada com fitas coloridas e imagens dos Reis Magos, ela representa a presença simbólica do sagrado no interior das casas visitadas. Ao ser recebida e beijada pelos devotos, estabelece-se um pacto de fé e reciprocidade entre o grupo e a comunidade. As fitas acrescentadas ao longo do percurso funcionam como marcas materiais de promessas e graças alcançadas, convertendo a bandeira em registro sensível da memória coletiva. Mais do que insígnia decorativa, ela é o núcleo que organiza o rito e confere autoridade espiritual à jornada.

Complementando essa estrutura, os Palhaços, também chamados Bastiões em algumas regiões, desempenham papel estratégico na dramaturgia da Folia. Com máscaras de couro, indumentárias vibrantes e gestualidade marcada, eles assumem função ambivalente: guardiões do grupo e mediadores entre o sagrado e o profano. Sua presença introduz elementos de humor e teatralidade, ao mesmo tempo em que protege simbolicamente a bandeira e os foliões. Essa dimensão performática amplia o alcance do rito, transformando a rua em palco e a comunidade em participante ativa. Assim, rito, performance e territorialidade compõem uma arquitetura simbólica que sustenta a vitalidade da Folia de Reis como expressão dinâmica da cultura popular brasileira.

Assim, é importante pensar a celebração nacional. Outrossim, Cascudo (1954) aponta que:

Os instrumentos da folia, como a viola de arame, o adufo e a caixa, não são apenas produtores de som, mas objetos rituais que guardam em si a memória de séculos de devoção; cada batida no couro do tambor é um chamado aos Santos e um convite para que a comunidade se junte ao cortejo sagrado que percorre as ruas do Brasil (Cascudo, 1954, p. 412).

Ao refletir sobre a dimensão nacional da celebração, Luís da Câmara Cascudo destaca, em *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954), que os instrumentos da Folia como a viola de arame, o adufo e a caixa, não são meros produtores de som, mas verdadeiros objetos rituais impregnados de memória histórica. Cada batida no couro do tambor e cada acorde da viola constituem, simultaneamente, invocação sagrada e chamado comunitário, convocando moradores a integrarem o cortejo que atravessa ruas e povoados. A musicalidade, portanto, não atua como adorno estético, mas como linguagem simbólica que conecta passado e presente, transformando o espaço cotidiano em território consagrado pela experiência sonora compartilhada.

No plano da sociabilidade, a partilha de alimentos integra de forma indissociável a arquitetura do rito. A Festa de Reis mobiliza práticas culinárias que variam regionalmente, mas preservam o princípio da fartura e da hospitalidade como expressão concreta de gratidão e reciprocidade. Pratos como feijão tropeiro, galinhada e outras iguarias locais são oferecidos aos foliões como retribuição pelas bênçãos e cantorias, instaurando um ciclo de troca que fortalece laços comunitários. Essa dimensão material da celebração revela que a fé se traduz em gestos tangíveis de acolhimento, reafirmando valores coletivos que, conforme observa Santos (2005), sustentam a permanência do fenômeno ao longo das décadas.

As vestimentas e a estrutura poética das cantorias completam essa tessitura simbólica. As roupas frequentemente padronizadas, os chapéus adornados com fitas e espelhos e as estampas alusivas aos Reis Magos instauram uma estética que separa o tempo ordinário do tempo ritual. Os espelhos, segundo a crença popular, refletem a luz divina e protegem o grupo contra influências negativas, evidenciando a complexidade semiótica da tradição. Paralelamente, as músicas seguem roteiro narrativo que inicia com o pedido de licença e culmina na despedida, preservado pela oralidade transmitida entre mestres e aprendizes. Essa memória viva, mantida pela repetição e pelo improviso criativo, confirma que a Folia de Reis é construída coletivamente ao longo de todo o ano, envolvendo

artesãos, músicos e famílias, e consolidando-se como expressão duradoura da cultura popular brasileira.

Isso posto, é válido pensar também que Freyre (1933), afirma:

A festa no Brasil sempre foi o grande equalizador social, o momento em que a rigidez das classes se dissolvia em torno de uma mesa farta ou de uma dança de rua, permitindo que a alegria popular se sobrepusesse à dureza da vida cotidiana e criasse uma solidariedade que o Estado nunca pôde oferecer (Freyre, 1933, p. 215).

Ao afirmar, em *Casa-Grande & Senzala* (1933), que a festa no Brasil opera como um “grande equalizador social”, Gilberto Freyre chama atenção para uma dimensão estruturante da cultura brasileira: a capacidade de a celebração suspender hierarquias rígidas e instaurar, ainda que provisoriamente, um regime de convivência pautado pela partilha, pela música e pela dança. Nesse sentido, a Folia de Reis insere-se em uma tradição nacional em que o ritual festivo não é mero entretenimento, mas mecanismo simbólico de coesão social. Ao redor da mesa farta e do canto coletivo, dissolvem-se distâncias sociais e fortalece-se uma solidariedade orgânica que frequentemente supre lacunas deixadas pelas instituições formais. A festa, assim, evidencia traços constitutivos da identidade brasileira: hospitalidade, religiosidade sincrética e valorização do encontro comunitário.

No plano estético-sonoro, a instrumentação da Folia constitui uma marca distintiva dessa experiência cultural. A viola afinada em modalidades tradicionais como “cebola” ou “rio abaixo” conduz as toadas, enquanto o violão sustenta a base harmônica que ampara as vozes distribuídas entre tiple, centro e baixo. A percussão do pandeiro, do triângulo e da zabumba imprime cadência à caminhada, criando um transe rítmico que mantém o fôlego do grupo durante jornadas que atravessam noites inteiras. Essa tessitura sonora não apenas acompanha o rito, mas o estrutura, transformando deslocamento físico em peregrinação simbólica. A música, nesse contexto, converte-se em veículo de memória coletiva e em linguagem pela qual o sagrado se comunica com o cotidiano.

A organização interna do grupo revela outro aspecto significativo da cultura popular brasileira: a conjugação entre disciplina e devoção. Mestre, contramestre, bandeireiro e demais integrantes ocupam funções definidas, compondo uma hierarquia respeitada com rigor e responsabilidade. O bandeireiro, ao conduzir o símbolo maior da festa, materializa

a centralidade da bandeira como eixo agregador da fé e da identidade do grupo. A chegada desse estandarte ao final do ciclo ritual, frequentemente marcada por cantos intensificados, fogos e comoção coletiva, sintetiza o percurso espiritual empreendido. Lágrimas, promessas e gestos de gratidão evidenciam que não se trata apenas de encenação estética, mas de vivência profundamente enraizada na sensibilidade popular.

Por fim, a presença dos Palhaços ou Bastiões introduz a dimensão dialética que caracteriza grande parte do folclore brasileiro: a convivência entre o sagrado e o profano, o solene e o risível. Com máscaras artesanais de couro ou metal e indumentárias vibrantes, eles desempenham função ambígua de proteção e ruptura, abrindo caminho para o cortejo e tensionando a formalidade do rito com humor e acrobacias. Paralelamente, os versos improvisados pelos mestres personalizam cada visita, citando nomes e circunstâncias específicas, o que transforma a celebração em experiência singular para cada família. Essa combinação de disciplina ritual, criatividade poética e teatralidade popular revela a vitalidade da cultura brasileira, na qual tradição e reinvenção coexistem como expressões autênticas de resistência simbólica e pertencimento coletivo.

Imagem 3: Personagem do Palhaço ou Bastião da Folia de Reis.



Fonte: Município de Muqui.

Disponível em: <<https://muqui.es.gov.br/municipio-de-muqui-e-pioneiro-no-maior-encontro-de-folias-de-reis-do-brasil/>>

Acesso em: 13 mar. 2026.

A imagem do *Palhaço*, também denominado *Bastião*, sintetiza visualmente uma das dimensões mais complexas da Folia de Reis: a tensão produtiva entre o sagrado e o profano. Sua indumentária exuberante, marcada por cores intensas, máscaras artesanais

e adereços brilhantes, evoca o riso, o jogo e a teatralidade popular. No entanto, essa aparência lúdica não o reduz a mero elemento decorativo; ao contrário, insere-o numa lógica ritual profundamente estruturada, na qual sua presença cumpre função simbólica de proteção, mediação e vigilância do cortejo.

A máscara, frequentemente confeccionada em couro ou metal, não apenas oculta a identidade individual do brincante, mas o investe de um papel coletivo e ancestral. Ao cobrir o rosto, o sujeito se transforma em personagem ritual, suspendendo sua condição cotidiana para assumir uma função liminar dentro da celebração. Essa dimensão performática dialoga com a tradição brasileira de dramatizações populares, nas quais o corpo é suporte de memória e instrumento de transmissão cultural. Assim, o Palhaço atua como guardião do grupo, abrindo caminho, organizando o espaço simbólico e tensionando, com humor e irreverência, a solenidade do canto religioso.

Sob essa perspectiva, a fotografia não deve ser interpretada apenas como registro etnográfico, mas como documento estético de resistência cultural. A estética do Palhaço desafia padrões homogenizantes ao afirmar o valor do artesanato, da criatividade popular e da expressividade corporal como formas legítimas de produção simbólica. Inserido na dinâmica maior da Folia, ele encarna a vitalidade da cultura brasileira, na qual tradição e reinvenção coexistem, e na qual o riso não nega o sagrado, mas o complementa, reafirmando a complexidade identitária que sustenta a celebração.

4 CENTRALIDADE SOCIORRELIGIOSA E ESTRUTURA COMUNITÁRIA DA FOLIA DE REIS

A Folia de Reis ocupa posição estruturante na vida social das comunidades em que se realiza, articulando fé, solidariedade e organização coletiva em uma mesma experiência ritual. Sua dimensão social manifesta-se como mecanismo concreto de coesão, sobretudo em contextos rurais e periféricos, onde a circulação do cortejo fortalece vínculos de pertencimento e ativa redes informais de apoio. As doações arrecadadas durante as visitas destinadas às famílias em situação de vulnerabilidade ou à manutenção de iniciativas comunitárias evidenciam a permanência de uma economia do dom, fundada na reciprocidade e na confiança mútua. Nesse sentido, a celebração reafirma valores de partilha e corresponsabilidade que contrastam com a lógica individualizante da

modernidade, demonstrando que a cultura popular continua sendo espaço privilegiado de produção de solidariedade social.

No plano religioso, a festa constitui expressão emblemática do catolicismo popular brasileiro, no qual a experiência do sagrado ultrapassa os limites institucionais do templo e se concretiza na caminhada, no canto e na hospitalidade. Para o folião, a santidade atualiza-se no gesto de visitar, abençoar e acolher, enquanto os Santos Reis são concebidos como intercessores próximos, associados à proteção da casa, da saúde e do sustento familiar. O momento da visita ao presépio sintetiza essa centralidade sociorreligiosa: ao abrir o espaço doméstico ao cortejo, a família transforma o ambiente privado em território simbólico coletivo, onde oração e partilha se entrelaçam. O canto que consagra a residência e os alimentos compartilhados materializam uma religiosidade vivida em comunidade, reforçando identidades culturais e consolidando a Folia de Reis como prática essencial na sustentação da vida social e espiritual.

Imagem 4: Cantoria de Reis.



Fonte: Desvendando o Brasil. - Imagem: By lobotalita (Own work)
Disponível em: <https://www.brmais.net/desvendando-o-brasil/celebrações>
Acesso em: 13 mar. 2026.

A Folia de Reis constitui uma das expressões mais densas da cultura popular brasileira, articulando memória histórica, religiosidade e organização comunitária em uma mesma experiência ritual. Sua permanência ao longo do tempo evidencia a capacidade de adaptação das tradições sem que percam seu núcleo simbólico. Mais do que uma

celebração sazonal, trata-se de um sistema cultural que integra música, performance, devoção e sociabilidade, reafirmando identidades coletivas enraizadas no cotidiano das comunidades.

No plano religioso, a Folia expressa de maneira exemplar o catolicismo popular brasileiro, no qual o sagrado se manifesta para além da institucionalidade formal. A caminhada dos foliões, os cantos entoados nas residências e a bênção diante do presépio transformam o espaço comum em território consagrado. Os Santos Reis, concebidos como intercessores próximos, representam proteção, esperança e continuidade, estabelecendo uma relação direta e afetiva entre fé e vida prática.

A musicalidade ocupa lugar central nessa construção simbólica. A viola, a percussão e o canto polifônico estruturam o rito e sustentam a dimensão performática da celebração. A oralidade preserva narrativas bíblicas reinterpretadas sob a perspectiva local, demonstrando a vitalidade criativa dos mestres e a capacidade de transmissão intergeracional do saber. A música, nesse contexto, não apenas acompanha o ritual, mas o constitui como experiência sensorial e espiritual integrada.

A organização interna do grupo revela disciplina, hierarquia e cooperação, elementos que reforçam a coesão comunitária. Funções como mestre, contramestre e bandeireiro não são meramente operacionais, mas simbólicas, garantindo a continuidade da tradição e a legitimidade do cortejo. Essa estrutura evidencia que a cultura popular não é improvisação desordenada, mas prática social estruturada e sustentada por responsabilidades compartilhadas.

A dimensão social da Folia manifesta-se de forma concreta por meio da partilha de alimentos, das doações e do apoio mútuo entre moradores. A chamada economia do dom fortalece laços de reciprocidade e reafirma valores de solidariedade que contrastam com a fragmentação individualista contemporânea. A visita às casas, ao abrir o espaço privado ao coletivo, consolida vínculos afetivos e produz pertencimento social.

A presença do Palhaço ou Bastião introduz a complexidade estética e simbólica da tradição, unindo o lúdico ao ritual. Sua performance tensiona e complementa a solenidade religiosa, revelando a convivência entre sagrado e profano como característica marcante do folclore brasileiro. Essa dualidade não enfraquece o rito; ao contrário, amplia sua potência expressiva e reafirma a criatividade popular como forma legítima de produção cultural.

Portanto, os principais integrantes da Folia de Reis são o mestre, os três reis magos, o palhaço, o alferes da bandeira, os tocadores e os festeiros - cada um com funções específicas que garantem a organização, a musicalidade e o sentido religioso da celebração. Observe o organograma:

Imagem 5: Da Folia de Reis.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir da ferramenta *Copilot Image*.

Disponível em: <<https://copilot.microsoft.com/th/id/BCO.e162fb52-b4c9-4531-b1ad-78833988c3fc.png>>

Acesso em: 29 mai. 2026

A escolha pela representação circular é porque pressupõe-se que pode simbolizar a *unidade e interdependência* entre os participantes - cada função se conecta à outra, formando um ciclo de fé, música e tradição, representando uma rede viva de significados que mantém a *Folia* pulsando nas comunidades brasileiras.

Em síntese, a Folia de Reis reafirma a valorização identitária da cultura brasileira ao integrar fé, arte e sociabilidade em uma experiência totalizadora. Ela preserva memórias, fortalece vínculos comunitários e sustenta formas próprias de vivência religiosa que resistem à homogeneização cultural. Ao percorrer ruas e lares, a Folia não apenas celebra os Santos Reis, mas reafirma a dignidade simbólica das comunidades que a mantêm viva, consolidando-se como patrimônio cultural e espiritual do Brasil.

5 FOLIA DE REIS: PATRIMÔNIO IDENTITÁRIO E ESPIRITUALIDADE POPULAR

A Folia de Reis configura-se como uma das mais significativas expressões do patrimônio cultural brasileiro, ao articular religiosidade, memória coletiva e organização comunitária em uma prática ritual que atravessa gerações. Sua força reside na capacidade de integrar música, performance, solidariedade e devoção em uma experiência que transforma o cotidiano em espaço sagrado, reafirmando valores de partilha, pertencimento e identidade. Ao unir o canto ritual, a visita às casas, a economia do dom e a teatralidade simbólica de seus personagens, a celebração evidencia que a cultura popular brasileira não é resquício do passado, mas prática viva de resistência e reinvenção. Nesse sentido, a Folia de Reis ultrapassa o caráter festivo e consolida-se como manifestação estruturante da espiritualidade popular, sustentando vínculos sociais e reafirmando a dignidade cultural das comunidades que a mantêm como expressão autêntica de fé e brasilidade.

Sendo assim, Cascudo (1954) já apontava que o folclore é um organismo vivo:

O folclore não é uma peça de museu, imóvel e empoeirada, mas uma correnteza que corre para o futuro, carregando consigo os sedimentos do passado e as águas novas de cada geração que o pratica, transformando-se para continuar sendo a voz autêntica de um povo em movimento (Cascudo, 1954, p. 28).

Desse modo, como já afirmava Luís da Câmara Cascudo (1954), o folclore deve ser compreendido como organismo vivo, em permanente transformação, e não como peça estática de museu. Ao defini-lo como correnteza que transporta sedimentos do passado e incorpora águas novas de cada geração, o autor oferece chave interpretativa fundamental para entender a vitalidade da Folia de Reis. As mudanças observadas nas últimas décadas como a ampliação da participação feminina e juvenil confirmam essa dinâmica. Se outrora predominava a presença masculina, hoje mulheres assumem funções de liderança como mestras e bandeireiras, enquanto grupos mirins e projetos socioculturais garantem a transmissão intergeracional do saber. Tais transformações não descaracterizam a tradição; ao contrário, evidenciam sua capacidade de dialogar com valores contemporâneos de inclusão e democratização dos espaços culturais.

Outro movimento de adaptação manifesta-se na crescente visibilidade pública da festa, especialmente por meio de encontros organizados por instituições municipais e

órgãos de turismo. Essa projeção amplia o reconhecimento social e fortalece políticas de valorização cultural, mas também tensiona a natureza intimista do rito, originalmente centrado nas visitas domiciliares e na relação direta com as famílias. O desafio contemporâneo reside justamente em equilibrar espetáculo e devoção, visibilidade e recolhimento, garantindo que a dimensão performática não sobreponha o sentido espiritual que sustenta a celebração. A Folia, nesse contexto, negocia seu lugar na esfera pública sem renunciar à essência simbólica que a constitui.

A globalização e as novas tecnologias introduziram materiais, sonoridades e estratégias de divulgação inéditas, mas a tradição demonstrou notável capacidade de absorver tais elementos sem comprometer seu propósito sagrado. Paralelamente, o reconhecimento institucional como patrimônio cultural imaterial fortaleceu mecanismos de salvaguarda, documentação e pesquisa acadêmica, ampliando o respeito social pelo trabalho dos mestres e grupos tradicionais. Assim, a adaptação revela-se como estratégia de sobrevivência cultural: a Folia de Reis permanece viva porque soube dialogar com a modernidade de forma crítica e autônoma, preservando o tempo do rito diante das pressões do mercado e reafirmando-se como expressão legítima da identidade e da espiritualidade popular brasileira.

Assim, entende-se que, a força da *Folia de Reis* não está apenas na tradição, mas na sua maleabilidade cultural, capaz de integrar o novo sem romper com o antigo. Ainda nessa perspectiva identitária - Freyre (1933) aponta que:

As instituições tradicionais do Brasil possuem uma maleabilidade que lhes permite sobreviver às crises mais severas, adaptando-se às exigências da nova economia sem abdicar do seu papel espiritual e social, agindo como um amortecedor que protege o homem comum das mudanças (Freyre, 1933, p. 301).

Freyre (1933), observa que, as instituições tradicionais brasileiras possuem notável maleabilidade, capacidade que lhes permite atravessar crises históricas sem abdicar de seu papel espiritual e social. Assim, essa flexibilidade, funciona como um ‘amortecedor’ cultural, protegendo o homem comum das rupturas abruptas impostas pelas transformações econômicas e políticas. A Folia de Reis insere-se precisamente nesse horizonte interpretativo: sua permanência não decorre da rigidez, mas da habilidade de adaptar formas externas preservando seu núcleo simbólico.

Uma das transformações mais evidentes refere-se às formas de registro e preservação. Se outrora a transmissão do saber se dava exclusivamente pela oralidade e pela convivência direta com os mestres, hoje a celebração também se projeta no ambiente digital. Grupos registram apresentações em vídeo, compartilham conteúdos em plataformas virtuais e constroem acervos audiovisuais que ampliam a visibilidade da tradição. Essa digitalização contribui para a documentação histórica e desperta o interesse de pesquisadores e admiradores de diferentes regiões e países, internacionalizando a imagem do Reisado brasileiro. Contudo, permanece o desafio de garantir que o registro não substitua a experiência vivida, pois o rito exige presença física, deslocamento corporal e interação comunitária para se concretizar plenamente.

Quando Freyre (1933) afirma que as instituições tradicionais do Brasil possuem uma maleabilidade que lhes permite sobreviver às crises mais severas, adaptando-se às exigências da nova economia sem abdicar do seu papel espiritual e social - ele descreve a capacidade das práticas culturais brasileiras de se reinventarem sem perder sua essência. Nessa temática, essa ideia se manifesta na forma como a celebração mantém seu caráter religioso e comunitário, mesmo diante das transformações econômicas e sociais. A folia se adapta - muda instrumentos, incorpora novos participantes, ajusta seus percursos - mas continua sendo um espaço de fé, solidariedade e identidade coletiva.

Ela funciona como esse 'amortecedor' mencionado por Freyre (1933): ela protege o homem comum das mudanças ao oferecer um espaço simbólico de continuidade e pertencimento. Em tempos de crise ou modernização, a folia reafirma valores de reciprocidade, partilha e devoção - elementos que sustentam o tecido social das comunidades. Em síntese, Freyre reconhece na cultura uma resiliência espiritual e social que garante sua permanência. Essa maleabilidade é o que permite que tradições como a folia continuem vivas no *Vale do Guaporé* e em outras regiões do Brasil, mesmo diante das mudanças do mundo contemporâneo.

A adaptação ao calendário contemporâneo constitui outro aspecto significativo. Em muitos contextos urbanos, as visitas passaram a ocorrer em finais de semana, acomodando-se às exigências da jornada de trabalho moderna. Se anteriormente o ciclo ritual seguia rigorosamente datas tradicionais, hoje ele negocia com as dinâmicas econômicas da vida urbana-industrial. Tal flexibilização não indica enfraquecimento da fé,

mas estratégia consciente de preservação: cria-se um ‘tempo sagrado’ possível dentro da rotina produtiva, assegurando que a tradição continue a integrar a vida cotidiana.

A Folia também dialoga com outras linguagens artísticas contemporâneas. Elementos das toadas, da estética performática e da dramaturgia popular têm sido incorporados por artistas ligados ao teatro de rua e à música popular brasileira, promovendo processos de hibridização cultural. Esse intercâmbio não dilui a tradição; ao contrário, amplia sua circulação simbólica e reafirma sua vitalidade estética. Ao inspirar novas produções artísticas, a Folia demonstra que permanece fonte ativa de significados no cenário cultural contemporâneo.

Além das transformações materiais, a Folia de Reis permanece como importante *espaço de construção identitária e fortalecimento dos vínculos comunitários*. Em comunidades tradicionais, a transmissão dos saberes entre gerações garante a continuidade dos significados atribuídos ao ritual, permitindo que crianças, jovens e adultos participem ativamente da preservação dessa manifestação cultural. Dessa forma, a tradição não se limita à repetição de práticas herdadas, mas se renova continuamente por meio das experiências compartilhadas e do sentimento de pertencimento coletivo.

Nessa perspectiva, a Folia de Reis ultrapassa o campo da celebração religiosa e se consolida como prática social que articula memória, cultura e identidade. As caminhadas, os cantos, as visitas às residências e a participação dos diferentes integrantes da companhia fortalecem as relações de solidariedade e reconhecimento mútuo entre os membros da comunidade. Assim, a permanência da Folia de Reis demonstra que a cultura popular é capaz de adaptar-se às mudanças históricas sem perder sua função essencial de preservar referências simbólicas e reafirmar a identidade cultural do grupo social que a mantém viva.

Paralelamente, o reconhecimento institucional da Folia como patrimônio cultural imaterial fortaleceu políticas de salvaguarda e ampliou sua legitimidade social. Pesquisas acadêmicas, documentários e iniciativas de catalogação contribuíram para valorizar mestres e grupos tradicionais, integrando-os a debates mais amplos sobre identidade cultural brasileira. A adaptação, nesse caso, envolve também a forma como a sociedade contemporânea enxerga e respeita a tradição, ampliando seu campo de reconhecimento público.

Em síntese, as transformações vivenciadas pela Festa dos Santos Reis não sinalizam decadência, mas vigor cultural. Um rito que se recusa a dialogar com seu tempo corre o risco de fossilizar-se; a Folia, ao contrário, renova-se sem renunciar à essência espiritual que a sustenta. Ao negociar seu espaço na modernidade com discernimento e autonomia, reafirma-se como expressão viva da fé e da identidade popular brasileira, permitindo que a mensagem simbólica dos Reis Magos continue ecoando nas ruas do Brasil do século XXI.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste estudo permitem compreender a Festa dos Santos Reis como manifestação profundamente enraizada no território e nas experiências concretas das comunidades que a mantêm viva. O lugar não atua apenas como cenário, mas como agente formador de sentidos: a geografia, as dinâmicas urbanas e rurais, os trajetos percorridos e os espaços domésticos moldam ritmos, versos e formas de participação. A cultura popular revela-se, assim, como resposta criativa às condições históricas e ambientais, reafirmando que cada grupo de folia recria a tradição a partir de sua própria realidade sociocultural.

No interior das comunidades, a celebração evidencia a força do catolicismo popular como prática vivida e compartilhada. Ao transformar salas de estar em espaços sagrados e ruas em extensão do presépio, a Folia dissolve fronteiras entre o privado e o coletivo, instaurando um tempo ritual que suspende a rotina produtiva. O canto, a bênção e o alimento partilhado consolidam vínculos de pertencimento e fortalecem uma solidariedade que não se restringe ao plano espiritual, mas repercute na organização social cotidiana.

Do ponto de vista estético e performático, a riqueza simbólica da Folia de Reis, isso posto, expressa na polifonia vocal, na hierarquia interna dos grupos, na centralidade da bandeira e na teatralidade dos palhaços, pois constitui verdadeira gramática cultural de resistência. Esses elementos não representam meros adornos folclóricos, mas dispositivos de preservação de memória e de afirmação identitária frente aos processos de homogeneização cultural. A tradição, ao manter seus códigos simbólicos, reafirma a legitimidade do saber popular como forma autônoma de produção de conhecimento e beleza.

Sob a ótica sociológica, a festa opera como tecnologia de coesão social. Ao ativar redes de reciprocidade por meio de doações, visitas e partilhas, instaura uma economia do dom que privilegia o encontro humano em detrimento da lógica estritamente mercantil. A presença articulada de mestres, idosos, jovens e crianças garante a transmissão intergeracional dos saberes e fortalece o tecido comunitário, configurando a Folia como espaço privilegiado de educação cultural e formação ética.

A permanência dessa manifestação ao longo do tempo também evidencia sua resiliência política e simbólica. A Folia de Reis atravessou mudanças econômicas, tensões institucionais e transformações tecnológicas sem perder seu núcleo devocional. Ao adaptar-se ao calendário contemporâneo, às mídias digitais e aos novos materiais, demonstra que tradição não é imobilidade, mas capacidade de diálogo crítico com a modernidade. Essa flexibilidade assegura que o rito permaneça significativo para as novas gerações, sem se reduzir a espetáculo esvaziado de sentido.

Diante desse cenário, torna-se evidente que, a Folia de Reis transcende sua dimensão festiva e religiosa, configurando-se como um importante patrimônio cultural imaterial que contribui para a construção e reafirmação das identidades coletivas. Em comunidades tradicionais, a continuidade dessa manifestação resulta da interação entre memória, fé, sociabilidade e transmissão de saberes, elementos que fortalecem o sentimento de pertencimento e garantem a permanência de valores compartilhados ao longo das gerações. Nesse sentido, a Folia de Reis revela-se como uma prática social que articula tradição e renovação, preservando referências culturais sem se desvincular das transformações históricas e sociais.

A perspectiva da Folia de Reis como expressão da cultura popular brasileira reforça a necessidade de valorização de seus múltiplos significados, especialmente aqueles relacionados à formação identitária das comunidades que a mantêm viva. Os rituais, cantos, símbolos, personagens e percursos constituem mais do que elementos festivos: representam formas de interpretar o mundo, estabelecer vínculos comunitários e transmitir conhecimentos que integram a experiência social dos grupos envolvidos. Dessa forma, compreender a Folia de Reis implica reconhecer seu papel como espaço de produção cultural, resistência simbólica e preservação das tradições que compõem a diversidade cultural brasileira.

Por fim, a salvaguarda da *Festa dos Santos Reis* deve ser entendida como compromisso com a preservação de um legado cultural que ultrapassa o âmbito do ritual e alcança a própria constituição das comunidades tradicionais. Enquanto permanecerem vivos os saberes, as narrativas, os cantos e as práticas compartilhadas entre mestres, foliões e devotos, a Folia de Reis continuará desempenhando sua função de fortalecer identidades, promover a coesão social e reafirmar a riqueza da cultura popular no Brasil. Assim, sua permanência representa não apenas a continuidade de uma tradição, mas a valorização de um patrimônio coletivo que encontra na memória, na fé e na convivência comunitária os fundamentos de sua existência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)**. Folia de Reis. Brasília, DF: IPHAN, [s.d.]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 22 jan. 2026.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR (CNFCP). **Bandeira de Reis**. Rio de Janeiro: CNFCP, [20--]. Disponível em: <https://www.pulsarimagens.com.br>. Acesso em: 22 jan. 2026.

DIA de Reis: tradição e fé. **TVT News**, São Paulo, 6 jan. 2025. Disponível em: <https://tvtnews.com.br/6-de-janeiro-e-dia-de-reis/>. Acesso em: 22 jan. 2026.

FOLIA de Reis. In: **Toda Matéria**, [s.l.], 2024. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/folia-de-reis/>. Acesso em: 21 jan. 2026.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. Tradução autorizada de *The Interpretation of Cultures* (1973).

MUSEU DO FOLCLORE. **Personagem do Palhaço ou Bastião da Folia de Reis**. Muqui, ES: Prefeitura de Muqui, [20--]. Disponível em: <https://muqui.es.gov.br>. Acesso em: 22 jan. 2026.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2005.